

# DESCREVENDO O BOM-TOM

*TRANSFERÊNCIA E MEDIAÇÃO DA  
MODA IMPRESSA NA FRANÇA  
PARA O BRASIL NA METADE DO  
SÉCULO XIX*

Everton Vieira Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Desde os primórdios da publicação de periódicos femininos sobre moda no Brasil oitocentista, a França se destacava como uma referência cultural. As constatações desta afirmação aparecem nos diversos artigos de moda, assim como na inserção de estampas litografadas, representando vestidos e padrões de bordados, a fim de instruir suas leitoras sobre as distintas indumentárias que poderiam ser usadas em determinados espaços de sociabilidade públicos e privados, na perspectiva de uma pedagogia do olhar. O surgimento do periódico feminino *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), considerado um dos primeiros impressos dirigidos

---

<sup>1</sup> Doutorando em História, bolsista CAPES, Universidade Federal Fluminense.  
E-mail: <semusico@hotmail.com>

por mulheres no Brasil, reforça a ideia da pedagogia do olhar, na medida em que quase 80% das edições publicadas tiveram a inserção de uma estampa ilustrando vestidos ou padrões de bordado. Grande parte destas ilustrações eram extraídas do periódico de moda francês *Le Moniteur de la Mode* (1843-1913), assim como a descrição da estampa, traduzida para o português. Neste sentido, propomos compreender as trocas existentes entre os mediadores culturais envolvidos neste processo, e os meios utilizados na transferência cultural da moda francesa para o Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa; Moda; Mediação cultural; Transferência cultural.

### **DÉCRIVANT LE BON TON : TRANSFERT ET MÉDIATION DE LA MODE IMPRIMÉE EN FRANCE AU BRÉSIL DANS LA MOITIÉ DU XIXE SIÈCLE.**

**RÉSUMÉ :** Dès les débuts de la publication des journaux féminins sur la mode au Brésil au XIXe siècle, la France se démarquait comme une référence culturelle. Les conclusions de cette affirmation apparaissent dans les différents articles de mode, ainsi que dans l'insertion de gravures lithographiées, représentant des robes et des patrons de broderie, afin d'informer leurs lecteurs sur les différentes robes que pouvaient être utilisées dans certains espaces de sociabilité publique et privée, dans la perspective d'une pédagogie du regard. L'émergence du journal féminin *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), considéré comme l'un des premiers imprimés dirigés par des femmes au Brésil, renforce l'idée de la pédagogie du regard dans la mesure où près de 80% des éditions publiées avaient l'insertion d'un timbre illustrant des robes ou des patrons de broderie. La plupart de ces illustrations sont extraites du journal de mode français *Le Moniteur de la Mode* (1843-1913), ainsi que de la description de la gravure, traduite en portugais. En ce sens, nous proposons de comprendre les échanges existants entre les médiateurs culturels impliqués dans ce processus et les moyens utilisés dans le transfert culturel de la mode française au Brésil.

**MOTS-CLÉS:** Presse ; Mode ; Médiation culturelle ; Transfert culturel.

### **INTRODUÇÃO**

Durante todo o século XIX podemos encontrar impressos periódicos publicados no Brasil que indicavam a moda francesa como referencial de civilidade, modernidade e de bom-tom, a qual toda a sociedade deveria seguir.

Geralmente voltados às mulheres leitoras, estes periódicos serviam como instrutores sociais, descrevendo cada vestimenta que era representada em estampas

litografadas e instruindo quanto aos distintos espaços de sociabilidade e horários em que cada traje poderia ser utilizado.

O vínculo entre texto e imagem permite a compreensão das trocas existentes entre os mediadores culturais envolvidos neste processo, e os meios utilizados na transferência cultural da moda francesa para o Brasil. Tal compreensão será tratada a seguir, indicando como estas trocas eram estabelecidas entre os distintos agentes históricos ligados à imprensa feminina.

### **A MODA FRANCESA TRANSFERIDA E MEDIADA NA IMPRENSA FEMININA NO BRASIL**

Dentre os impressos periódicos que vinculavam imagens de vestimentas e textos em suas edições, *O Jornal das Senhoras* (1852-1855) escrito e dirigido por mulheres no Brasil manteve como uma de suas estratégias editoriais a inserção de litografias e a descrição das respectivas estampas, extraídas do periódico francês *Le Moniteur de la Mode* (1843-1913), a fim de aproximar, informar e instruir suas leitoras sobre a moda parisiense.

Sua efemeridade, comum para a época, não impediu que este periódico contribuisse significativamente com a visibilidade e importância do papel feminino no espaço público em meados do Oitocentos no Brasil (BARBOSA, 2018).

Para além do *O Jornal das Senhoras*, outros periódicos, tais como o *Correio das Modas* (1839-1840), o *Novo Correio das Modas* (1852-1854) e *Marmota na Corte* (1849-1852) que depois passou a se chamar *Marmota Fluminense* (1852-1857), também anexaram em suas edições imagens de modas com suas respectivas descrições de estampas. Porém, o fator que distinguia estes periódicos do *O Jornal das Senhoras*, e que nos faz tomar este último como fonte, era o sexo de seus redatores.

Ainda que esta distinção pareça ser de menor importância, as percepções sobre o papel social feminino, bem como os discursos impressos, davam o tom de diferenciação entre estes periódicos sob a perspectiva de gênero (SCOTT, 1995).

Tais questões não limitaram nem impediram a contribuição destes impressos na formação de um público leitor feminino, da mesma forma que eles possibilitaram uma maior circulação da moda parisiense na imprensa feminina pelo Rio de Janeiro.

Enquanto as estampas francesas ilustradas com damas e anexadas no *Novo Correio das Modas* eram extraídas do periódico francês *Le Follet* (1829-1882), pintadas pela artista Adele-Annaïs Colin Toudouze (1822-1899), e as estampas ilustradas com cavalheiros e anexadas no mesmo periódico eram extraídas do periódico *Modes de Paris: Journal de Tailleurs* (1830-1896) e pintadas pelo artista Damours (DONEGA, 2014), as estampas anexadas em *O Jornal das Senhoras* e em *O Espelho* (1859-1860) foram extraídas do periódico *Le Moniteur de la Mode*, pintadas pelo artista Jean-Baptiste David (1808-1892).

Para além da moda, a circulação destes periódicos franceses e tantos outros pela corte e por todo o Brasil fornecia aos seus respectivos leitores informações das mais atualizadas da França e de todo o velho continente, o que contribuía para o processo de transferência e mediação cultural pelo Atlântico (GUIMARÃES, 2012).

Tal contribuição pode ser averiguada de forma sistemática com as redatoras do *O Jornal das Senhoras*, Joanna Paula Manso de Noronha (1819-1875), Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (1816-1875) e Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves (1824-1872). Estas mulheres utilizaram textos e imagens sobre a moda extraídas diretamente do periódico *Le Moniteur de la Mode*, mas elas também realizaram a extração de diversos assuntos de impressos nacionais e estrangeiros:

[...] entre os impressos periódicos internacionais, geralmente traduzidos por colaboradores(as) e posteriormente enviados à redação para publicação, identificamos: *L'Illustration* (1842-1944); *Almanack Prophetique*; *Panorama* (1837-1866); *Artiste*; *Presse*; *Moniteur de la Mode* (1843-1913); *Petit Courrier de Dames* (1821-1868); *Les Modes Parisiennes* (1844-1885); *Journal de Connaissances Utiles*; *Constitutionnel*; *Le Figaro* (1826-atual); *Revista Lisboense*; *Le Follet*; *Diário de Lisboa*; *Revue de Deux Mondes* (1829-atual); *Gazette Médicale*; *Les femmes*; *Instructor*; *Revue Contemporaine* (1852-1870/1885-1886) e *Monthly Magazine*. Também foi constatado o periódico de música francês *Biblioteca Musical* (BARBOSA, 2018: 103-104).

As informações extraídas de vários periódicos estrangeiros demonstravam não apenas a transferência cultural dada pela grande circulação de impressos pelo Rio de Janeiro, mas também a constante atualização das redatoras sobre os assuntos que circulavam pela Europa, assim como a seleção e mediação dos assuntos que poderiam interessar às assinantes dos periódicos.

Neste sentido, o ato editorial utilizado pelas redatoras e outros redatores em seus periódicos foi um dos principais recursos editoriais utilizado a fim de adaptarem as informações e os assuntos selecionados dos impressos estrangeiros. Esta ação demonstrava a sagacidade que estes mediadores culturais tinham ao identificarem os conteúdos que mais interessariam aos seus leitores, realizando suas traduções e ajustando-os para que ficassem bem-dispostos sobre cada edição publicada (OUVRVY-VIAL, 2007).

Para a efetivação do ato editorial na imprensa brasileira, era necessária toda uma rede de pessoas, cujas etapas de produção e circulação demandavam alguns meses. Após a publicação do periódico na Europa, os impressos eram enviados às Américas pelo Oceano Atlântico, via embarcações marítimas. Durante este percurso, as

mudanças de rotas, abastecimento dos navios com distintas mercadorias, tempestades e tantos outros imprevistos marítimos podiam adiantar, assim como atrasar a chegada destes objetos no porto da Corte brasileira.

Como, porém, estas estampas só nos chegam mensalmente, nem por outra forma podia realizar-se o nosso propósito, e nos chegam pelos paquetes ingleses, desta feita o vapor *Tay* ancorou a boa hora para muitos, e infelizmente tarde para nós, porque não pode efetuar a sua descarga tão a tempo, que pudéssemos haver os nossos figurinos para serem distribuídos. E, pois, ficamos logradas desta vez (O JORNAL DAS SENHORAS, nº 50, 12/12/1852: 01, grifo do original).

O pedido de desculpas, publicado na primeira página da edição de 12 de dezembro de 1852 pela redatora Violante Atabalipa Ximenes Bivar de Vellasco, servia para justificar o atraso no descarregamento dos periódicos franceses e a falta da estampa anexada no jornal. Esta falta, geralmente era compensada por outros mimos que poderiam ser uma partitura musical ou alguma peça litográfica contendo informações religiosas ou culturais.

A estratégia editorial de incluir outra informação no lugar da estampa de moda tinha como objetivo manter o número de assinantes do periódico, revelando a sapiência com que estas redadoras atuavam na imprensa ao manterem uma outra informação em mãos no caso de atraso na entrega das estampas francesas.

Afinal, assim que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, estes impressos eram enviados aos estabelecimentos comerciais de subscrição dos comerciantes de moda que possuíam relações mercantis com os distintos redatores do velho e do novo continente, o que acarretaria mais um tempo de deslocamento e acesso das redadoras brasileiras aos periódicos.

Todas estas etapas, já conhecidas pelas redadoras, permitia que elas percebessem se haveria tempo suficiente para traduzirem a descrição da estampa e inseri-la na próxima edição do periódico. Se o impresso francês não tivesse chegado às casas de subscrição dos diversos mediadores culturais existentes pela cidade em determinado dia e horário costumeiro para as redadoras brasileiras, era o sinal necessário para que elas adaptassem a próxima edição inserindo outro conteúdo no lugar da descrição da estampa.

Dentre os mediadores culturais da imprensa francesa no Brasil, destacamos Alexandre e Francisco Demarais, cabeleireiros da Casa Imperial localizados na Rua do Ouvidor, nº 86. Estes dois comerciantes franceses estabelecidos no Rio de Janeiro eram os correspondentes do periódico *Le Moniteur de la Mode* e de outros periódicos franceses. Eles também subscreviam para *O Jornal das Senhoras* e para outros impressos brasileiros em sua casa comercial, contribuindo com a transferência cultural da moda impressa na França para o Brasil na segunda metade do século XIX.

Na primeira edição do periódico *Correio das Modas*, a descrição da estampa esclarecia que o penteado apresentado na figura “[...] tem um merecimento muito relevante porque não demanda o socorro de M. Desmarais, de M. Jugand, ele, porque uma Senhora pode perfeitamente executá-lo” (CORREIO DAS MODAS, nº 1, 05/01/1839: 01). Tal esclarecimento revela a influência da casa de Alexandre e Francisco Demarais nos comentários e sugestões sobre os padrões de moda para o período.

Além do estabelecimento comercial de Alexandre e Francisco Demarais, *O Jornal das Senhoras* também era subscrito na casa do Sr. Bernard Wallerstein, na Rua do Ouvidor, nº 70, e na loja de Louis Mongie, localizado na mesma rua, nº 87.

A subscrição do *O Jornal das Senhoras* em três lojas localizadas na rua do Ouvidor tinha como finalidade dar visibilidade ao periódico feminino, angariando novas assinantes. Ao mesmo tempo em que as redatoras deixavam os exemplares de seu impresso semanalmente nestes estabelecimentos, elas aproveitavam para retirar os periódicos franceses no estabelecimento comercial de Alexandre e Francisco Demarais.

Com os impressos estrangeiros em mãos, elas tinham a tarefa de circularem pelas ruas do Rio de Janeiro a fim de buscarem novas notícias para inserirem na próxima edição do periódico, assim como a missão de identificarem se todos os elementos retratados nas litografias francesas estavam disponíveis para compra e uso pelas assinantes do jornal. Após esta tarefa, era realizada a tradução da descrição da estampa francesa, na qual recebia a devida adaptação, com a finalidade de atender as demandas específicas de suas leitoras.

As adaptações na tradução dos textos sobre a moda francesa normalmente eram realizadas por conta do clima, da demanda e dos tipos de tecidos e adereços corporais que chegavam da Europa, assim como de seu custo e disponibilidade de comercialização nos estabelecimentos das distintas modistas e demais vendedores.

É sabido que o clima e as estações do ano na França são respectivamente diferentes no Brasil em uma mesma época do ano. Assim, enquanto na França a estação do inverno predominava entre os meses de janeiro, fevereiro e março, no Brasil estes meses são característicos pela estação do verão. Por isso, era comum encontrar comentários dos redatores sobre a diferença climática e dos vestidos anexados pertencerem a outra estação.

No artigo sobre os Coletes de Moças publicado no *Marmota na Corte* em fevereiro de 1852, o redator Francisco de Paula Brito esclarece às suas leitoras que no mesmo mês em Paris “A estação do inverno faz sobressair ali modas, que só podem ser aproveitadas aqui quando também o tivermos por cá, embora não seja o frio na nossa terra tão rigoroso como *nos domínios* de L. Napoleão” (MARMOTA NA CORTE, nº 234, 10/02/1852: 01, grifo do original).

O clima rigoroso mencionado por Francisco de Paula Brito era um dos motivos que levava ele e outros redatores a realizarem as adaptações necessárias nos trajés ilustrados e anexados na imprensa brasileira. Era através destas mediações que se

amenizavam os desconfortos pelos quais passavam as assinantes dos periódicos e fiéis consumidoras das modas parisienses ao utilizarem vestimentas rígidas, pesadas e com excessos de tecidos nos diversos espaços de sociabilidade frequentados na cidade do Rio de Janeiro.

Diante da diferença climática, alguns tipos de tecidos usados na França acabavam não fazendo o mesmo sucesso no Brasil, sendo trocado por outros que chegavam no porto do Rio de Janeiro. É interessante destacar que a maior parte das exportações de tecidos e vestimentas tinha origem inglesa:

Entre 1850-1854, veio da Inglaterra um total de 8.689.288 libras de tecidos de algodão; 1.859.432 libras de lãs; 1.024.063 de linhos; 112.947 libras de sedas, totalizando o montante de 11.685.730 libras ou cerca de 72,55% do total de todos os produtos exportados para o Brasil – o que incluía produtos alimentícios, produtos de borracha, de barro, joias, prata, marmas, drogas e remédios, couro, maquinaria, carvão de pedra, produtos químicos, equipamentos ferroviários, entre outros. As roupas prontas, dentro desse universo de coisas que chegaram aos portos brasileiros, representavam apenas 1,45% do total das exportações inglesas no período (MONTELEONE, 2013: 43).

A grande quantidade de tecidos e outros produtos de procedência inglesa estava relacionada aos acordos econômicos estabelecidos entre Brasil e Inglaterra. Este comércio era absorvido por uma parcela significativa de mediadores culturais vinculados ao universo da moda.

O armazém de Wallerstein e Masset recebeu pelo último pacote estes fascinadores vestidos de escumilha bordados de palha, também os de *acrophone*, gaze, e os de casa de seda, que efetivamente são de uma grande novidade (O JORNAL DAS SENHORAS, nº 18, 02/05/1852: 02, grifo do original).

Bernard Wallerstein foi um destes comerciantes e mediadores culturais que recebia os tecidos e os vestidos da Inglaterra, França e de toda a Europa, proporcionando às mulheres da corte o que havia de mais luxuoso e atual da moda feminina. Além dele, outros mediadores culturais recebiam tecidos assim como a visita de muitos cronistas sobre modas, a fim de novas informações para publicarem em seus periódicos.

O redator Paula Brito registrou na sessão de Modas que “As casas de Mme. La-carrière, Josephina, Wallerstein, Castel e Pinto e Pimenta, estão cheias de fazendas deste novo gosto” (MARMOTA NA CORTE, nº 227, 16/01/1852: 02).

Com exceção dos comerciantes Pinto e Pimenta, localizados na rua da Quitanda, nº 93, todos os demais comerciantes visitados por Paula Brito estavam localizados na rua do Ouvidor (ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL, 1852).

Considerada como um espaço legitimamente feminino, a Rua do Ouvidor era conhecida por sua grande quantidade de estabelecimentos comerciais voltados ao embelezamento, às roupas e aos distintos artigos para as mulheres.

Muitos redatores de periódicos também percorriam os estabelecimentos comerciais na rua do Ouvidor a fim de registrarem em seus impressos aquilo que havia chegado de mais moderno às suas leitoras-consumidoras:

Todas as semanas, pelo menos uma vez, visto-me de ponto em branco, luneta no olho, bengalinha na mão, bigode torcido, e lá sigo caminho da rua do Ouvidor. Entro n'uma e n'outra casa, vejo muita modista bonitinha e aproveitando-me do caráter oficial, cujas regalias dá-me a redação da *crônica elegante*, converso com elas, melhor talvez do que estou agora conversando com a bela leitora (O ESPELHO, nº 3, 18/09/1859: 11, grifo do original).

O caráter oficial descrito pelo cronista permitia a ele, assim como a outros mediadores culturais, obter as informações necessárias para redigir de modo detalhado a descrição da estampa daquela semana.

No caso do *O Jornal das Senhoras*, dentre as 209 edições publicadas entre os anos de 1852 e 1855, podemos constatar que em 166 foram inseridas estampas francesas, totalizando quase 80% das edições com a anexação de imagens de origem francesa.

O programa inicial do jornal nos traz algumas informações sobre o que seria anexado mensalmente às suas assinantes:

Publica-se todos os Domingos: o primeiro número de cada mês vai acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances franceses em música, moldes e riscos de bordados (O JORNAL DAS SENHORAS, nº 01, 01/01/1852: 08)

Porém, constatamos que o programa impresso no periódico foi cumprido apenas nos primeiros meses de publicação sob direção da redatora argentina Joanna Paula Manso de Noronha.

Com a entrada de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, houve uma tentativa de ampliação no número de oito para doze páginas, inserindo outros

assuntos dedicados às mulheres (O JORNAL DAS SENHORAS, nº 42, 17/10/1852: 02).

Sem sucesso nesta empreitada, tanto a redatora Violante quanto a sua sucessora, Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves mantiveram a mesma quantidade de oito páginas, diminuindo o número de partituras musicais e aumentando a quantidade de estampas de modas publicadas mensalmente.

Ainda que nem todas as estampas fossem acompanhadas pela respectiva descrição, alguns elementos identificados na imagem eram mencionados em outras seções do periódico, como nas crônicas semanais, de quinzena, teatral ou musical.

A inserção da descrição da estampa, portanto, era o vínculo entre imagem e texto, necessário para dar sentido ao que era visto pelas assinantes do periódico. Traduzido do francês e adaptado para o português, era pelo ato editorial que se forjava uma pedagogia do olhar, na qual as consumidoras destes periódicos se pautavam para buscarem a reprodução do mesmo vestido nos estabelecimentos comerciais que recebiam as fazendas e demais tecidos da Europa.

### **DESCREVENDO O “BOM-TOM”**

Conforme as instruções impressas pelos periódicos femininos, os modos de se vestir em determinados horários e espaços de sociabilidade serviam como verdadeiros dispositivos de instrução, construindo uma pedagogia do olhar.

Estes dispositivos normatizavam socialmente o que era considerado como adequado, ao mesmo tempo em que indicava sutilmente ou explicitamente o que não era bem visto e o que não era aceito no campo da moda.

Permeadas por um ideal de civilidade, modernidade e de gosto, as descrições das estampas eram traduzidas e adaptadas à realidade brasileira, forjando os padrões de moda, caracterizados pelo “bom-tom” ao serem usados por homens, mulheres e crianças nas distintas situações do cotidiano.

Nas traduções do francês para o português podemos constatar de modo efetivo as adaptações realizadas pelas redadoras brasileiras. Para isso, tomamos como exemplo três peças de moda extraídas do periódico francês *Le Moniteur de la Mode* e suas respectivas descrições das estampas publicadas em junho, julho e agosto de 1852. Elas foram traduzidas e inseridas em *O Jornal das Senhoras* nas edições publicadas em setembro do mesmo ano.

Tal escolha deve-se à diferença temporal de meses na qual as edições francesas foram publicadas, tendo suas respectivas traduções e inserções das estampas em *O Jornal das Senhoras* em um mesmo mês.

Conforme já destacamos, muitas adversidades poderiam adiantar ou atrasar a chegada e o descarregamento dos impressos periódicos estrangeiros no porto do Rio de Janeiro, porém havia uma regularidade da circulação e chegada destes produtos. No caso da imprensa estrangeira, constatamos que “os figurinos que chegam



A descrição francesa sobre o chapéu usado pela senhora à esquerda na *Imagem 1* detalha as cores rosa e branco, o tecido em palha de arroz costurado com fitas de tafetá e seu comprimento enquanto na tradução portuguesa a redatora menciona resumidamente ser o chapéu da senhora à esquerda na *Imagem 2* de escumilha branca com enfeites e laços rosa.

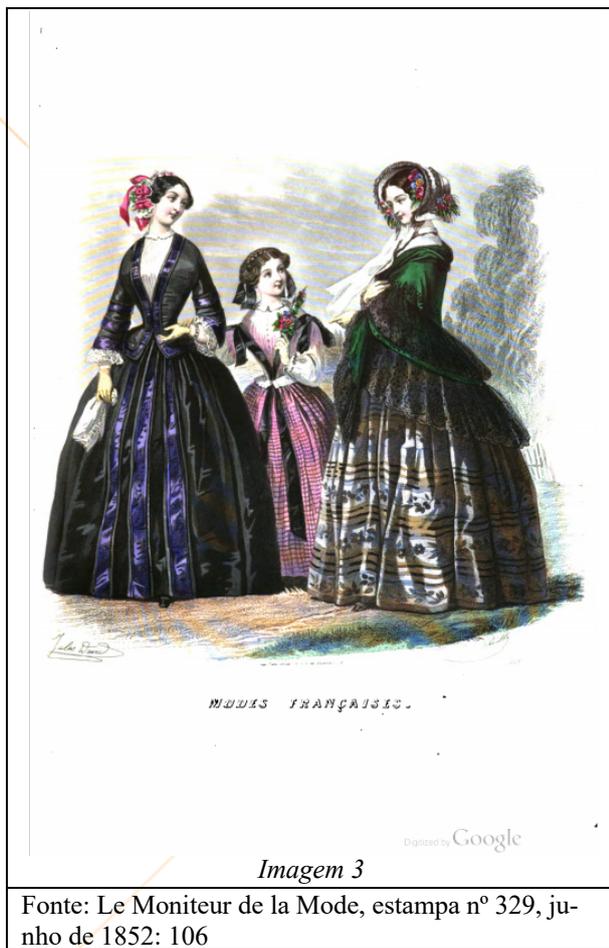
Já o vestido usado pela senhora à esquerda na *Imagem 1* é descrito na publicação francesa também com detalhes para as cores, os tecidos, os formatos e os tamanhos da saia, do volante, das dobras e do manto. Na tradução portuguesa, a redatora menciona apenas o tipo de tecido usado, a existência de pregas, o folho bordado, uma guarnição na saia e fitas rosas ondeadas em algumas partes do vestido da senhora à esquerda na *Imagem 2*, mas sem destacar o comprimento de cada parte da roupa.

O mesmo detalhamento na publicação francesa é feito com a vestimenta da senhora à direita na *Imagem 1*, enquanto na publicação brasileira há um resumo sobre os elementos encontrados sob o vestido da senhora à direita na *Imagem 2*.

Diferente da senhora à esquerda nas *Imagens 1 e 2*, cujo vestido é destinado a visitar alguém em sua residência, o vestido da senhora à direita nas *Imagens 1 e 2* era destinado para receber visitas em casa ou simplesmente permanecer no espaço doméstico.

Os elementos indumentários que diferem os locais e horários adequados para estes vestidos serem utilizados em distintas ocasiões podem ser observados em seus detalhes. O chapéu usado pela senhora à esquerda nas *Imagens 1 e 2* está estruturado para proteger a cabeça e o rosto do sol e da chuva, assim como o manto sob as mãos da mesma dama, enquanto que na vestimenta adequada para receber visitas não se utilizava manto nem chapéu, mas apenas uma pequena touca, enfeitada com fitas amarelas.

Na 37ª edição do *O Jornal das Senhoras*, publicada em 12 de setembro de 1852, a descrição da estampa se assemelha ao texto da edição anterior, dada a similaridade dos vestidos ilustrados nas estampas e seus locais de uso.



Enquanto a senhora à esquerda nas *Imagens 3 e 4* é ilustrada com um vestido de ficar em casa ou passear ao jardim, a senhora à direita nas *Imagens 3 e 4* estava vestida com um traje de passeio. Assim como observado nas *Imagens 1 e 2*, o chapéu e a touca eram peças indumentárias que podiam indicar o uso destas vestimentas em determinados espaços e horários, assim como o uso do manto, utilizado pela senhora à direita das *Imagens 3 e 4*.

Um detalhe importante nas *Imagens 3 e 4* se dá pela presença de uma menina de 12 anos, ilustrada e descrita conforme as características da moda para aquela idade. Em uma etapa de transição para a fase adulta, o vestido da menina preserva alguns aspectos infantis, como o riscado quadriculado em tom rosa, ao mesmo tempo em que mantém o formato padronizado dos vestidos das senhoras e senhoritas.

Assim como na descrição da estampa francesa referente a *Imagem 1*, a *Imagem 3* foi descrita no *Le Moniteur de la Mode* com detalhes nos tipos de tecidos usados em cada uma das três vestimentas, suas respectivas cores e as medidas de cada peça. Já na tradução mediada e inserida em *O Jornal das Senhoras*, o texto resumia o tipo de tecido, suas cores e as partes de que eram compostos os vestidos.

Por fim, a 38<sup>o</sup> do *O Jornal das Senhoras*, publicada em 19 de setembro de 1852, nos chama a atenção pela redatora ter inserido a estampa de moda, mas deixando de realizar a descrição da estampa. Ao final da última página do periódico brasileiro a redatora esclareceu o ocorrido:

Não podemos dar hoje a descrição da estampa porque só neste momento (*duas horas da tarde de sábado!*) foi que nos chegaram da Alfandega os nossos figurinos. Pedimos desculpas às nossas Assinantes, e lhes prometemos para Domingo que vem todo esse trabalho.

*A Redação.*

(O JORNAL DAS SENHORAS, n<sup>o</sup> 38, 19/12/1852: 09, grifo do original).

A justificativa dada pela redatora reforça a questão sobre os atrasos e imprevistos no descarregamento dos periódicos franceses, ao mesmo tempo em que destaca a falta de tempo para a cronista de modas se deslocar pelos estabelecimentos comerciais, conferindo os tecidos e peças de vestimentas disponíveis para montar a indumentária ilustrada, e a falta de tempo para realizar a tradução e sua adequação textual para publicação.

É importante frisar que a estampa inserida na 38<sup>a</sup> edição do *O Jornal das Senhoras* havia sido publicada na França ainda em agosto, ou seja, no mês anterior, conferindo à redatora Violante o ineditismo que ela, as assinantes do periódico e todas as consumidoras da moda tanto almejavam sobre as modas e informações do velho continente.

Passada a correria daquele fim de semana, no domingo seguinte foi publicada a 39<sup>o</sup> edição do *O Jornal das Senhoras*, em 26 de outubro de 1852, tendo agora a descrição da estampa que havia sido inserida na edição anterior.



Imagem 5

Fonte: Le Moniteur de la Mode, estampa nº 334, agosto de 1852: 156



Imagem 6

Fonte: O Jornal das Senhoras, nº 38, 19/09/1852: 05

Assim como de costume, a estampa francesa de número 334 foi ilustrada com duas senhoras trajando vestidos para distintas ocasiões. Enquanto o vestido usado pela senhora à esquerda nas *Imagens 5 e 6* era destinado a passeios de campo, o vestido da senhora à direita nas *Imagens 5 e 6* era destinado para ficar em casa.

Assim como nas estampas anteriores, a senhora que traja o vestido de passeio utiliza um chapéu característico para usar no dia, protegendo-a do sol ou chuva e um xale, cuja cor era igual ao vestido. Já a senhora que traja um vestido para ficar em casa em tom branco e rosa não utiliza chapéu nem xale, mas portava um guarda-chuva e um lenço branco.

Na descrição da estampa francesa são mantidos os detalhes sobre o tamanho e as partes do vestido, as cores, os tipos de tecidos e o penteado usado pelas senhoras. Na tradução para o português, permanece o resumo de informações sobre o local adequado para ser usado o vestido, suas cores, tecidos, partes e tipo de penteado.

O detalhamento na descrição da estampa dos periódicos franceses foi mencionado pela redatora Violante na 39ª edição do *O Jornal das Senhoras*:

[...] todos, desde o mais pequeno até o *Moniteur* que tem uns cento e sessenta mil assinantes, consagram a maior parte das suas páginas às explicações da moda, e ocupam-se em descrever exclusivamente não só os detalhes mais minuciosos de *toilette*, mas até os pontos e pespontos, os comprimentos e larguras dos folhos, das rendas e dos enfeites [...] (O JORNAL DAS SENHORAS, nº 39, 26/09/1852: 01, grifo do original).

A redatora Violante justifica o detalhamento das informações sobre as modas nos periódicos franceses devido ao grande número de assinantes interessados neste assunto, enquanto que no Brasil a redatora explica não haver uma quantidade suficiente de assinantes, assim como não haver o hábito de brasileiros lerem periódicos de modas.

Por este motivo, as redadoras do *O Jornal das Senhoras* realizavam uma descrição das estampas enxuta, contendo as mínimas informações necessárias para que suas assinantes pudessem se deslocar até as lojas de modistas e obterem com êxito o mesmo modelo de vestido impresso no periódico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Despontando como um dos primeiros periódicos escritos por mulheres e voltados ao público feminino, *O Jornal das Senhoras* foi um grande difusor da moda francesa no Rio de Janeiro. No decorrer dos quatro anos de publicação, as mais de 160 estampas com figurinos de modas e padrões de bordados extraídos do periódico francês *Le Moniteur de la Mode* contribuíram para legitimar o estilo de vestir e de ser parisiense entre suas assinantes.

O processo de transferência e mediação cultural da moda foi possível graças a um conjunto de fatores que permitiu a circulação destes objetos e informações no Brasil. Os acordos políticos, econômicos e comerciais englobaram uma rede de pessoas, de forma direta e indireta no universo da moda. Eram fabricantes, produtores e vendedores de tecidos, redatores, editores, escritores, comerciantes, modistas, alfaiates e tantos outros mediadores culturais que, com seus próprios interesses, fizeram chegar às mãos das leitoras e consumidoras brasileiras o que havia de mais moderno no campo da moda.

No caso das redadoras do *O Jornal das Senhoras*, suas estratégias editoriais de subscrever o periódico em casas comerciais na rua do Ouvidor, estabelecer um acordo comercial com os redatores do periódico *Le Moniteur de la Mode* e traduzir a descrição da estampa e inserir uma peça de moda foram os meios encontrados para angariar novas assinantes, assim como propagar o “bom tom”, ilustrado nos ideais de civilidade, modernidade e progresso.

Por fim, a transferência e mediação da moda impressa na França para o Brasil na metade do século XIX permitiu a existência da descrição da estampa. Criada com o objetivo de propagar o “bom-tom”, a junção entre texto e imagem foram adaptados pelo ato editorial, fortalecendo a pedagogia do olhar como dispositivo de instrução e formação das mulheres no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

*ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL*: da corte e Província do Rio de Janeiro para o ano bissexto de 1852. Rio de Janeiro: Tipografia de Eduardo e Henrique Laemmert, 1844-1889. Disponível em <<http://dds-next.crl.edu/titles/88>>. Acesso em 10 jan. 2019.

BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. São Paulo: Editora Alameda, 2018.

*CORREIO DAS MODAS*. Rio de Janeiro: Tipografia de Eduardo e Henrique Laemmert, 1839-1840. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717274&pasta=ano%20184&pesq=>>>. Acesso em 10 jan. 2019.

DONEGÁ, Ana Laura. « A revista *Novo Correio de Modas* (1852-1854): Moda e literatura francesa com toque tropical », *RITA* [En ligne], N°7: juin 2014, mis en ligne le 26 juin 2014. Disponible en ligne : <http://www.revue-rita.com/traits-dunion7/a-revista-novo-correio-de-modas-1852-1854-moda-e-literatura-francesa-com-toque-tropical.html> . Acesso em 10 jan. 2019.

GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

*LE MONITEUR DE LA MODE*. Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1843-1913. Disponível em <[encurtador.com.br/uKV18](http://encurtador.com.br/uKV18)>. Acesso em 10 jan. 2019.

*MARMOTA NA CORTE*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1849-1852. Disponível em <[encurtador.com.br/ACT12](http://encurtador.com.br/ACT12)>. Acesso em 10 jan. 2019.

MONTELEONE, Joana. *O circuito das roupas: A Corte, o consumo e a moda* (Rio de Janeiro, 1840-1889). 2013. 352 páginas. Tese em História Econômica - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11042014-112626/pt-br.php>>. Acesso em 10 jan. 2019.

*NOVO CORREIO DAS MODAS*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1852-1854. Disponível em <[encurtador.com.br/bhwh3](http://encurtador.com.br/bhwh3)>. Acesso em 10 jan. 2019.

*O ESPELHO*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1859-1860. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docread.aspx?bib=700037&pasta=ano%20185&pesq=>>>. Acesso em 10 jan. 2019.

*O JORNAL DAS SENHORAS*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal das Senhoras, 1852-1855. Disponível em <[encurtador.com.br/bhwh3](http://encurtador.com.br/bhwh3)>. Acesso em 10 jan. 2019.

OUVRY-VIAL, Brigitte. L'acte éditorial : vers une théorie du geste. *Communication & langages*, nº 154, décembre, 2007, pp. 59-74. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/250375667\\_L'acte\\_editorial\\_vers\\_une\\_theorie\\_du\\_geste](https://www.researchgate.net/publication/250375667_L'acte_editorial_vers_une_theorie_du_geste)>. Acesso em 10 jan. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.